



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
CURSO MESTRADO PROFISSIONAL EM JORNALISMO

RAISSA NASCIMENTO DOS SANTOS

A FÉ DO INTERIOR – UMA HISTÓRIA DE CORAGEM DO POVO NORDESTINO

JOÃO PESSOA

2016

Raissa Nascimento Dos Santos

A FÉ DO INTERIOR – UMA HISTÓRIA DE CORAGEM DO POVO NORDESTINO

Projeto final de Mestrado Profissional, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Área de Concentração: Produção Jornalística.

Linha de pesquisa: Práticas, Processos e Produtos Jornalísticos.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Cardoso Paiva.

JOÃO PESSOA

2016

Raissa Nascimento Dos Santos

A FÉ DO INTERIOR – UMA HISTÓRIA DE CORAGEM DO POVO NORDESTINO

Projeto final de Mestrado Profissional, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Área de Concentração: Produção Jornalística.

Linha de pesquisa: Práticas, Processos e Produtos Jornalísticos.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Cardoso Paiva.

Data da defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Cláudio Cardoso Paiva

Membro Titular: Dra. Gloria de Lourdes Freire Rabay

Membro Titular: Dra. Maíra Nunes

Resultado: _____

João Pessoa, _____/_____/_____

“Não basta a leitura sem a unção,
Não basta a especulação sem a devoção,
Não basta a pesquisa sem maravilhar-se,
Não basta a circunspecção sem o júbilo,
O trabalho sem a piedade,
A ciência sem a caridade,
A inteligência sem a humildade,
O estudo sem a Graça”.

São Boaventura

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Deus pela oportunidade em conhecer tão rica história que me encantou como pessoa e rapidamente, como jornalista.

Agradeço a pessoa de Raimundo Valdemir Dos Santos por me permitir pesquisar e conhecer a sua história de vida pessoal. De modo especial a cada membro da sua família e também, da Comunidade Católica Chama de Amor pelas orações e incentivo durante todas as fases da pesquisa.

Agradeço aos meus pais Roberto Luiz dos Santos e Maria Teresa do Nascimento que desde pequena me ensinaram o amor pelos livros. Agradeço aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) pelas sugestões e em especial ao meu orientador, Dr. Cláudio Cardoso Paiva.

Agradeço aos meus amigos pela paciência e compreensão durante as minhas ausências dos encontros para poder me dedicar nas diversas viagens para a elaboração desta pesquisa.

RESUMO

O presente relatório reflete sobre as características – proximidades e peculiaridades - do jornalismo e da biografia. Após, o debate teórico sobre conceitos como verdade e tempo em ambos os universos, a pesquisa se propõe a apresentar o produto, o livro-reportagem: A Fé do Interior – Uma história de coragem do povo nordestino. A obra narra à vida de quatro gerações de uma família no agreste pernambucano que lutam para vencer a principal batalha que a vida os oferece, a seca que castiga a região. Ao longo da narrativa, tecida através do jornalismo literário, novas batalhas são apresentadas da vida deste povo valente, resgatando mais de um século de história.

Palavras-chaves: Jornalismo. Biografia. Jornalismo literário. Novo Jornalismo.

ABSTRACT

This report reflects on the characteristics - proximities and peculiarities - of journalism and biography. After the theoretical debate on concepts such as truth and time in both worlds, the research aims to present the product, the book-report: The Faith from the Countryside – A history of courage of the northeastern people. The work chronicles the lives of four generations of a family in the rural area of Pernambuco struggling to win the main battle that life offers , the drought that punishes the region . Throughout the narrative, woven through literary journalism, new battles are presented in the life of this brave people, rescuing more than a century of history.

Keywords: Journalism. Biography. Literary journalism. News Journalism.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Jornalismo e Biografias.....	11
3. A verdade no Jornalismo e na Biografia.....	15
4. O tempo no Jornalismo e na Biografia.....	18
5. Metodologia da pesquisa.....	24
6. Considerações finais.....	32
7. Referências bibliográficas.....	34

Raissa Nascimento Dos Santos

A Fé do Interior

Uma história de coragem do povo nordestino

2016

Diagramação: Rodrigo Diniz

Revisão: Janaína Fernandes Ramos,

Daniele Rangel de Melo Bezerra e

Maria Teresa do Nascimento

S237f Santos, Raissa Nascimento dos.
A fé do interior: uma história de coragem do povo nordestino / Raissa Nascimento dos Santos .- João Pessoa, 2016.
62f.
Orientador: Cláudio Cardoso Paiva
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA
1. Jornalismo. 2. Produção jornalística. 3. Biografia.
4. Jornalismo literário. 5. Novo jornalismo.

UFPB/BC

CDU: 070(043)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Deus pela oportunidade em conhecer tão rica história que me encantou como pessoa e rapidamente, como jornalista.

Agradeço a pessoa de Raimundo Valdemir Dos Santos por me permitir pesquisar e conhecer a sua história de vida pessoal. De modo especial a cada membro da sua família e também, da Comunidade Católica Chama de Amor pelas orações e incentivo durante todas as fases da pesquisa.

Agradeço aos meus pais Roberto Luiz dos Santos e Maria Teresa do Nascimento que desde pequena me ensinaram o amor pelos livros. Agradeço aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) pelas sugestões e em especial ao meu orientador, Dr. Cláudio Cardoso Paiva.

Agradeço à família e amigos pela paciência e compreensão durante as minhas ausências dos encontros para poder me dedicar nas diversas viagens para a elaboração da pesquisa.

Dedico este livro a todas as pessoas que amo! Em especial, a pessoa que mais amo minha avó Maria da Paz do Nascimento que onde quer que ela esteja com certeza está muito orgulhosa da única neta. Aos meus pais, Roberto Luiz dos Santos e Maria Teresa do Nascimento, sem palavras para agradecer!

À pessoa de Raimundo Valdemir Dos Santos e a todos de sua família que estão eternizados nesta obra. Também, a todos os membros da Comunidade Católica Chama de Amor e de modo mais que especial a todas as pessoas que não gostam de mim vocês me ensinam a cada dia a ser uma pessoa melhor!

Salmo 39, 1-6

“² Esperei no Senhor com toda a confiança. Ele se inclinou para mim, ouviu meus brados.

³ Tirou-me de uma fossa mortal, de um charco de lodo; assentou-me os pés numa rocha, firmou os meus passos;

⁴ pôs-me nos lábios um novo cântico, um hino à glória de nosso Deus. Muitos verão essas coisas e prestarão homenagem a Deus, e confiarão no Senhor.

⁵ Feliz o homem que pôs sua esperança no Senhor, e não segue os ídólatras nem os apóstatas.

⁶ Senhor, meu Deus, são maravilhosas as vossas inumeráveis obras e ninguém vos assemelha nos desígnios para conosco. Eu quisera anunciá-los e divulgá-los, mas são mais do que se pode contar.”

(Bíblia Sagrada. São Paulo: Ave-Maria, 2015, p. 687.)

SUMÁRIO

Prefácio	6
Introdução	8
Capítulo I.....	13
<i>O primeiro amor</i> 13	
<i>A Primeira água da cidade de Lajedo</i> 16	
<i>A Fonte da Fé</i> 18	
<i>Dias de Glória</i> 20	
Capítulo II	25
<i>A última hora</i> 25	
Capítulo III.....	37
<i>A batalha do perdão</i> 37	
<i>A batalha da educação</i> 40	
<i>A batalha da sobrevivência</i> 44	
Capítulo IV	49
<i>Os encontros</i> 49	
<i>O discípulo do amor</i> 50	
<i>A grande prova</i> 54	
<i>A Fé vence a morte</i> 58	
Capítulo V	65
<i>A saudade que não passa</i> 65	
<i>A missão</i> 66	

Prefácio

É com alegria e satisfação que apresento o livro “A Fé do Interior”, de autoria da jornalista Raissa Nascimento. Pessoa encantadora que tive o prazer de conhecer e compartilhar um pouco da criação dessa obra que irá encantar a todos. Fico muito feliz e lisonjeada em participar de um livro tão importante para a minha família, como também, para todos os que desejam conhecer um pouco mais sobre a Fé, na sua mais pura essência. Fé que perpetua por gerações e que brota esperança por onde passa.

Segundo o dicionário português Fé significa crença, confiança, credibilidade em algo ou alguém, ainda que não haja nenhum tipo de evidência que comprove a veracidade da proposição em causa. Na prática cristã, Fé é ter a certeza que Deus nos ama e fará tudo o que for melhor para cada situação de nossas vidas.

Nesse sentido, as famílias Dornellas e Fernandes foram sustentadas na Fé, apesar dos obstáculos e grandes dificuldades da vida, mas a busca em Deus sempre fez com que esta família passasse por estes problemas de forma contrita e sempre transmitindo esse Deus para as pessoas.

A raiz dessa história se dá através de Quitéria Dornellas da Conceição, conhecida pelo nome de Bilu, senhora pacata, serena, de grande fê e devoção à Nossa Senhora. Bilu sempre passou para a sua descendência a veneração à Mãe de Jesus.

Bilu vivia em uma região que sofria com a seca e preocupada em como ajudar aquela região, sempre rezava para Deus mostrar a solução. Certo dia, ela teve um sonho com a Virgem Maria, que pedia para Quitéria

reunir as pessoas e cavar em um determinado local de seu sítio e que dali brotaria água. Bilu assim o fez, e de terras secas jorrou água pura e cristalina, que abasteceu aquela região. Confirmando ainda mais a Fé daquela mulher e sua admiração e ligação com a Nossa Mãe, Maria Santíssima.

Anos se passaram e a descendência de Bilu germinou. Um dos que seguiram na Fé dessa senhora, foi o bisneto Raimundo Valdemir que tem sua essência fixada na fé, fundou a Comunidade Católica Chama de Amor, a qual através da oração transforma vidas de pessoas de todos os lugares do país e que a cada ano cresce mais. Venha conhecer esta Chama de Amor que cura e liberta. Boa leitura!

Janáina Fernandes Ramos

Jornalista

Introdução

A presente obra conta a biografia de Raimundo Valdemir dos Santos. Para mergulhar na história de sua vida se faz necessário primeiro conhecer a Fé dos seus antepassados que de geração em geração transmitiram o conhecimento de Deus para os seus descendentes. Para aprofundar neste mistério também, é válido, compreender como a doutrina da Igreja Católica concebe as revelações divinas.

Segundo a Doutrina da Igreja Católica há dois tipos de revelações, sendo elas a pública e a privada. “A noção <<revelação pública>> designa a ação reveladora de Deus que se destina à humanidade inteira e está expressa literalmente nas duas partes da Bíblia: o Antigo e o Novo Testamento”¹.

Chama-se <<revelação>> porque nela Deus Se foi dando a conhecer progressivamente aos homens, até ao ponto de Ele mesmo Se tornar homem, para atrair e reunir em Si próprio o mundo inteiro por meio do Filho encarnado, Jesus Cristo. Não se trata, portanto, de comunicações intelectuais, mas de um processo vital em que Deus Se aproxima do homem; naturalmente nesse processo, depois aparecem conteúdos que têm a ver com a inteligência e a compreensão do mistério de Deus. Tal processo envolve o homem inteiro e, por conseguinte, também a razão, mas não só ela. Uma vez que Deus é um só, também a história que Ele vive com a humanidade é única, vale para todos

os tempos e encontrou a sua plenitude com a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por outras palavras, em Cristo Deus disse tudo de Si mesmo, e, portanto a revelação ficou concluída com a realização do mistério de Cristo, expresso no Novo Testamento (Alonso, 2015, p. 220-221).

Também, é importante lembrar que o próprio Cristo no momento de sua Última Ceia declara para os seus discípulos: “Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e anunciar-vos-á as coisas que virão.” (Jo 16,12-14)². Agora, se pode abordar o conceito de revelação privada, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica e o objetivo das revelações privadas: “No decurso dos séculos tem havido revelações ditas “privadas”, algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja (...). O seu papel não é (...) “completar” a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudá-la a viver mais plenamente numa determinada época da história³”.

A autoridade das revelações privadas exige da nossa Fé, de fato, nela, é o próprio Deus que nos fala por meio de palavras humanas (...). A certeza de que é Deus que fala, cria em mim a segurança de encontrar a própria verdade; uma certeza assim não se pode verificar em mais nenhuma forma humana de conhecimento. (...) A revelação privada é um auxílio para esta Fé (...) e contém

três elementos: que a respectiva mensagem não contém nada em contraste com a Fé e os bons costumes, que é lícito torná-la pública, e que os fieis ficam autorizados a prestar-lhe de forma prudente a sua adesão. (...) Assim, o critério para medir a verdade e o valor duma revelação privada é a sua orientação para o próprio Cristo. (...) Podemos acrescentar que frequentemente as revelações privadas provêm da piedade popular e nela se refletem, dando-lhe novo impulso e suscitando formas novas (Alonso, 2015, p. 222-223).

Neste contexto, a presente história apresenta revelações privadas que aconteceram no âmbito particular da vida pessoal dos personagens e impactaram no âmbito social a vida local do povo nordestino. Na busca pela sobrevivência em terras secas, a Fé direcionou na busca da água que matasse a sede física e espiritual de Deus. A maneira escolhida para contar a história através do formato romance-reportagem aproximou a academia da comunidade social, possibilitando que o conteúdo possa ter livre acesso por todas as classes sociais, principalmente, entre os atores da obra que eles também possam mergulhar na própria história, fortalecendo a identidade e valorização dos mesmos.

As reflexões e decisões ao longo de toda a apuração e produção escrita tiveram no jornalismo seu divisor de águas. As entrevistas foram realizadas por meio de técnicas jornalísticas em que o repórter/autor

visitou os lugares em que a história se passou, ouviu os depoimentos das testemunhas oculares e como um fiel *gatekeeper* propagou os acontecimentos através do estilo de jornalismo literário. Dessa maneira, a presente obra propõe uma reflexão sobre o jornalismo e a vida social numa “comunidade simples”, dentro de uma perspectiva presente nos estudos culturais. Trata-se de um esforço de capturar o sentido da informação e linguagem, as estruturas do cotidiano que organizam os laços comunitários. Assim, cumpre o objetivo inicial proposto de aproximar os trabalhos prestigiados na área de Humanidades e Ciências Sociais, como o conceito de Michel Maffesoli do “conhecimento comum”, a ideia do “espírito comum” defendida por Raquel Paiva e o debate da “ciência comum” partilhado por Muniz Sodré. Aproximando assim, o diálogo possível entre o conhecimento teórico e a vivência da prática social.

Notas da introdução:

A explicação teológica sobre as revelações divinas foram escritas pelo padre Dr. Joaquim M. Alonso, CMF e publicadas no livro: “Memórias da Irmã Lúcia” (2015), publicada pela Fundação Francisco e Jacinta Marto, em Fátima, Portugal.

² **Bíblia Sagrada**. Editora Ave-Maria (2005), p. 1406.

³ **Catecismo da Igreja Católica**. Coimbra: 1992, p. 67.

⁴ Traquina (2005: 150) explica “o termo *gatekeeper* refere-se à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões; foi introduzido pelo psicólogo social Kurt Lewin num artigo, publicado em 1947, sobre as decisões domésticas relativas à aquisição de alimentos para a casa”.

Capítulo I

A raiz da Fé

O primeiro amor

Era o ano de 1885, padre João José do Divino Espírito Santo que era pároco da cidade de São Bento do Una celebrara a primeira missa do povoado Santo Inácio dos Lajeiros, como era conhecido na época a atual cidade de Lajedo⁵. Neste mesmo ano nascia uma menina Quitéria Dornellas da Conceição que viveu sua vida inteira nestas terras.

Quitéria Dornellas da Conceição era uma moça encantadora. Mais conhecida pelo apelido de Bilu. Ela tinha doces olhos azuis da cor do céu que conquistavam o coração de todos e que em um primeiro olhar cativou o coração do mulato Pedro Fernandes Cadête. As peles contrastavam-se. A vida os aproximou. Pedro havia chegado há pouco tempo na região com mais três irmãos: Nestor Fernandes Rosendo, José Fernandes e Rosendo Fernandes Cadete. Ninguém sabe contar o que aconteceu para que os irmãos saíssem de terras distantes do sul da Paraíba para se fixarem no distrito de Lajedo que na época pertencia à cidade de São Bento do Una.

Conta-se que no instante em que os olhares de Pedro e Quitéria se encontraram houve no silêncio do coração do jovem rapaz a resposta do amor por aquela jovem, com a pele branca como as nuvens e os cabelos claros caídos sobre os ombros. A certeza do amor o invadiu e na incerteza de viver naquelas terras ele decidiu ali se estabelecer. Fazia dias que o Brasil havia sido proclamado república, as notícias corriam e chegavam a galope de cavalo pelos viajantes, mas a vida

permanecia tão igual naquele povoado.

O amor unia em matrimônio Quitéria Dornellas da Conceição e Pedro Fernandes Cadête. O jovem casal muito simples e sem muitos recursos financeiros foram um dos primeiros a morar no local que era conhecido como as terras da areia branca, por volta de 1900. Eles viveram em uma pequena casa onde hoje é localizado o Sítio Olhinhos D' Água, distante aproximadamente dois quilômetros do atual centro de Lajedo.

Poucos se aventuravam a iniciar a vida naquela região devido à improdutividade do solo e a falta de água que castigava a localidade, sendo necessário percorrer quase 12 quilômetros até Jupí para buscar a água necessária para a sobrevivência naquelas terras. A vida do casal era difícil e cheia de desafios: o sol castigava todos os dias, as chuvas eram cada vez mais raras, a aridez do local abrigava a casa com apenas quatro cômodos que protegiam os sonhos de felicidade dos recém-casados.

As mãos calejadas marcavam a vida na agricultura. O casal plantava, mas não possuía água em abundância para ajudar o solo a germinar a mandioca. As terras eram excelentes para criarem cabras, mas o cuidado era reforçado devido aos animais predadores como cobras, jiboias e gatos maracajás. O trabalho era intenso e diário. Bilu e Pedro levantavam com o primeiro canto do galo e deitavam com o rasgo das corujas, mas jamais perdiam a fé e o temor a Deus.

Bilu permanecia a mesma mulher serena, amável e acolhedora apesar das dificuldades nas terras dos Olhinhos D' Água e do aumento da família. A cada ano ela concebia mais um filho e ao redor do oratório da casa todas as noites a família se reunia para recitar o Terço de

Nossa Senhora. A Fé transmitida como a maior herança que seus pais a deixara fecundou o coração de Quitéria, tornando-a firme nas orações diárias, na confiança em Deus e na devoção à Nossa Senhora assim como, na esperança de dias melhores para si e para os seus.

O oratório encontrava-se em um local privilegiado na pequena casa. No lado esquerdo da sala havia uma porta que chegava à parte superior da casa e ao adentrá-la o oratório estava ao lado direito. Lá, havia uma mesa forrada com uma toalha branca de renda que enfeitava o cantinho de oração da família e os santinhos de devoção: Nossa Senhora da Conceição e São José. As orações uniam e reuniam toda a família composta de 12 filhos: José Fernandes, Malaquias Fernandes, Joaquim Fernandes, João Fernandes Filho, Luiza Dornelas Fernandes, Emídia Dornelas, Teresa Dornelas, Quitéria Fernandes Dornelas, Maria Dornelas, Rosário Dornelas, Rosa Dornelas e Maria José Dornelas.



Frente conservada da casa em que morou a família de Quitéria e Pedro.

A Primeira água da cidade de Lajedo

A falta d' água castigava a família de Quitéria e Pedro nas terras da areia branca. Em uma noite, durante a oração, a dona da casa suplicava a Virgem Maria que os ajudassem a enfrentar a grande seca que assolava toda a região. Por permissão de Deus, naquela noite, Bilu teve um sonho diferente: acompanhava uma linda mulher a andar pela sua propriedade. Não sabia quem era a visitante. Apenas a observava, tinha as feições delicadas e os cabelos compridos pretos que caíam por sobre o longo vestido azul. O vestido era lindo de um azul claro nunca antes visto por Bilu.

A visitante caminhava à sua frente, com os passos firmes e em um profundo silêncio como se conhecesse bem o local e soubesse para onde estava indo. Quitéria a observava um pouco mais distante e pensativa: Quem é ela? O que quer aqui? Para onde está indo? Elas andaram aproximadamente uns 100 metros, sempre com a mulher andando à sua frente como se a guiasse em sua própria terra. E Bilu a seguia. Silenciosamente. Ela estava encantada com a exuberância daquela mulher e curiosa por tamanho mistério e silêncio da parte da visitante. Quanto mais a acompanhava e a olhava, mais crescia a impressão que a conhecia, o seu rosto transmitia a sensação de uma pessoa familiar. Ao olhá-la sentia paz e se perguntava cada vez mais: Quem é ela? De repente, a mulher parou ao lado das bananeiras e rompe o silêncio com uma voz firme e ao mesmo tempo doce e serena, dizendo: “Quitéria, cave aqui você e os seus!”.

De repente, Quitéria acordou com as palavras ecoando dentro do seu coração. Procurou um pouco de água para beber. Não havia mais água

na quartinha, que ficava ao lado de sua cabeceira. Para um pouco e senta na própria cama. Observa Pedro que dormia o sono dos justos. Com um gesto de amor e gratidão, beija suavemente a face do esposo pelo companheirismo e devoção em que ele vive diariamente por ela e os filhos. Pedro sempre esteve presente em cada alegria e tristeza da família. Em silêncio, Quitéria levanta-se, segurando com mão firme o candeeiro e caminha pensativa até a cozinha.

Precisava entender o sonho que acabara de ter: será que era apenas mais um sonho? Mas, parecia tão real... Com o copo d' água na mão, Quitéria sai da cozinha e caminha até a janela da frente de casa. Abre a janela e sente o vento frio que adentrava pela casa. Era mês de maio e o tempo era de chuva. Pensa como seria bom se o inverno chegasse com força e encosta o corpo na janela. Ouve o primeiro canto do galo, anunciando o rompimento da escuridão da noite. Seus olhos avistam as bananeiras ao longe e o pensamento volta para o sonho: quem era aquela mulher tão bela em sua casa?

O galo cantou pela segunda vez, prenunciando a chegada do novo dia. Bilu observa no horizonte o espetáculo silencioso do sol... Já já não será mais necessária a luz do candeeiro e o apaga com um sopro. O pensamento retorna para o sonho e ela lembra as palavras daquela mulher misteriosa: “Quitéria, cave aqui você e os seus!” E se não fosse um simples sonho? E sim, a resposta de Deus para o flagelo da seca. O galo cantou pela terceira vez e como em um despertar Quitéria respira fundo e por inspiração divina ela diz baixinho:

- Foi a Virgem Santa, a Virgem Maria!.

A Fonte da Fé

A alegria invade o coração de Quitéria. Como foi possível tamanha graça do céu: sonhar com a mãe de Deus? Logo ela, uma simples camponesa, dona de casa que tenta sobreviver e educar os seus filhos no respeito e amor a Deus mesmo com tantos problemas e tantas privações. Rapidamente, movida pela certeza do sonho, ela acorda serenamente o marido, dizendo:

- Meu querido, acorde! Precisamos cavar! Pedro, Nossa Senhora falou comigo em sonho. Acorde, meu bem!

A cada palavra pronunciada, a esperança crescia mais no coração de Quitéria. Que finaliza:

- Vou preparar o café para começarmos a cavar.

Os filhos começam a acordar. Na simplicidade da vida no campo ela reuniu toda a família na mesa havia café e massa de mandioca que alegremente a matriarca da família fazia bolo e beiju para o desjejum e contou para todos o sonho que tivera naquela noite. Os olhos dos filhos caçulas brilhavam encantados com o relato da mãe, enquanto que os filhos mais velhos questionavam se seria possível. Quitéria corajosamente e com voz destemida apenas os responde:

- Precisamos crer, precisamos crer, precisamos crer!

A família se levanta da mesa e caminha rumo ao local do sonho. Bilu carregava a enxada em uma das mãos e na outra a pá para escavar. Envolto ao seu pescoço estava com o terço sinal de devoção à Mãe de Deus e com a chama da Fé acesa andou. Com os passos firmes, ela vai em direção ao local em que a virgem parou e disse aos seus

familiares:

- É aqui!

Bilu iniciou o trabalho e escavou a primeira pá de areia. A família apenas a observava. Todos estavam paralisados diante de tanta determinação. E assim, os minutos passam. E rapidamente, também, as horas. O silêncio é rompido pela desesperança dos filhos mais velhos e do marido que pedem incessantemente para ela parar aquela atividade dizendo que é inútil continuar... Porém, a Fé e a confiança na revelação de Deus a fizeram prosseguir. Depois de uma manhã de intenso trabalho sem êxito, o sol já castigava com os seus raios quentes. Quitéria olha para o céu e contempla um azul tão vivo sem nuvens e logo pensou: a casa de Deus Pai. Sentiu o calor do sol em sua pele, o suor escorre pelo seu rosto e pede ao Pai com os olhos fixos na imensidão celestial: “Senhor, tu não abandonas nenhum dos teus filhos. Concede-me a Graça de encontrar a água que a Virgem Santa me contou em sonho!” E ao respingar a pá na terra eis que surgiu um fio d’água.

Os olhos de Quitéria não conseguiram conter as lágrimas que começam a escorrer e a molhar a sua face! Ela convida os filhos e o marido:

- Vamos, me ajudem! Deus não nos desamparou! Vamos cavar todos juntos, agora!

Os filhos e o marido correm e juntos molham-se na água que começou a brotar do seio da terra em um volume cada vez maior. Todos cavam e rapidamente, o fio de água crescia, assim como, o brilho nos olhos e a alegria da família. Quitéria chama o local de Cacimba de Nossa Senhora em gratidão ao milagre de encontrar água em suas terras.



Cacimba de Nossa Senhora atualmente no Sítio Olhinhos D' Água, em Lajedo, Agreste Pernambucano.

Dias de Glória

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Dizia Quitéria ao redor do oratório.

- Para sempre seja Deus Louvado. Respondia os filhos e o marido reunidos durante a oração.

A mudança ocorreu na vida de todos os moradores das terras da areia branca com a descoberta das águas da Cacimba de Nossa Senhora. O verde começou a surgir na região, acompanhado dos primeiros cultivos do próprio solo. O desejo no coração de gratidão a Deus pelo dom da vida derramada em abundância nos seus filhos, nos animais e na fecundidade da terra graças à água que jorrava de dentro da terra.



Quitéria Dornellas da Conceição viveu com sabedoria e simplicidade, movida pela prudência, silêncio e oração. Não abria a boca para falar mal de ninguém e todos os dias observava às inspirações de Deus em seu interior para liderar a família nos caminhos da Fé. Ela aprendeu através do amor e devoção a Nossa Senhora a ser uma mulher humilde, serena, silenciosa, observadora, firme, amiga da verdade, virtuosa em Deus como

a Bíblia descreve em Eclesiástico 26, 16-24 “a graça de uma mulher cuidadosa rejubila seu marido, e seu bom comportamento revigora os ossos. É um dom de Deus uma mulher sensata e silenciosa, e nada se comparam a uma mulher bem-educada. A mulher santa e honesta é uma graça inestimável; não há peso para pesar o valor de uma alma casta. Assim como o sol que se levanta nas alturas de Deus, assim é a beleza de uma mulher honrada, ornamento de sua casa. Como a lâmpada que brilha no candelabro sagrado, assim é a beleza do rosto na idade madura. Como colunas de ouro sobre alicerces de prata, são as pernas formosas sobre calcanhares firmes. Como fundamentos eternos sobre pedra firme, assim são os preceitos divinos no coração de uma mulher santa.”

Em gratidão pela Cacimba de Nossa Senhora, o casal recitava o Terço e o Ofício da Imaculada Conceição todos os dias no mês de maio, recebendo os vizinhos, amigos e familiares. No último dia do mês de Maria, a festa era grande e tinha uma programação toda especial com muita música e louvor tocado pela banda de pífano e fartura de comida

para a festa de agradecimento com carnes de bois e porcos que eram doados para a celebração.

A festa alegrava o distrito de Lajedo. Todos os moradores iam para o Sítio Olhinhos D' Água louvar e agradecer à Deus pelas graças recebidas. A música começava logo cedo, pontualmente, às 18h, seguida das orações. Quitéria e Pedro organizavam a Procissão em torno da Cacimba levando cada um Nossa Senhora da Conceição e São José. As crianças se uniam em volta para participar como anjos emprestados do céu. Tudo era preparado com muito amor e devoção em honra à Graça recebida e os convidados participavam também de todos os momentos, acompanhando as orações e a felicidade do casal. O distrito de Lajedo era acolhido no Sítio e todas as pessoas que precisavam de água na região iam até lá saciar a sede do corpo e da alma em busca da verdade de Deus. E assim, os anos se passaram.

Notas do capítulo

⁵ Lajedo é uma cidade do Agreste de Pernambuco, distante 195,3 quilômetros da capital Recife.

Capítulo II

A despedida

A última hora

Era chegada a hora. A missão já estava cumprida até o fim. A Fé fora preservada e mantida com a chama acesa, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo de seus mais de 80 anos. José estava com o rosto sereno e com o coração cheio de paz. Não sentia medo deste momento, mas o esperava com a confiança em Deus que sempre o fez manter-se de pé. As pernas cansadas de



tanto caminhar repousavam na cama, mas a firmeza em suas crenças o fazia vigilante nessa última hora. A idade levava embora as forças do seu corpo, mas não a vida de sua alma. Esta, sim, retornaria para Deus.

Pensou na bondade de Deus que o acompanhou em todos os momentos. Lembrou-se do amor que uniu ele e sua esposa Francisca Pereira da Silva em matrimônio no dia 14 de maio de 1923, na Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Pobres e Aflitos, na cidade de São Bento do Una. O sacramento fora celebrado pelo bondoso padre João Firmino Cabral de Andrade. José lembrava tão fortemente aquele dia que marcou as suas vidas e sentia profundo amor pela sua esposa que os anos de convivência só fazia crescer o sentimento.

José apaixonou-se perdidamente por Chiquinha, como assim a

chamava, quando a viu em uma festa no povoado Santo Inácio dos Lajeiros. Ele era noivo de uma prima, mas o coração dele foi roubado naquela noite por Francisca e depois de toda uma vida juntos não havia recebido devolução até aquele momento. As dificuldades foram incontáveis ao longo de uma vida, a sua amada Chiquinha tinha muitas limitações físicas devido à saúde fragilizada, mas amava aquela mulher com todas as forças de sua alma. Não se cansava de sentar ao lado do pequeno rádio, deixava a música bem baixinha, segurava firme o terço e iniciava a sua oração da noite. Os olhos não se desviavam da dona do seu coração. Observava tamanha delicadeza com que amarrava os longos cabelos negros e fazia um coque e depois ia lentamente até o pilão. Cuidava da sua esposa todos os dias, tratando-a com muito respeito. Não permitia bebidas alcoólicas em seu lar, mas aceitava o hábito da amada de fumar cigarra de palha. A lembrança vem forte em sua memória. E sorri, ao recordar que ele mesmo preparava cada cigarro caseiro que ela iria fumar.

Recordou do dia em que comprou a propriedade unindo as suas economias e de seu irmão Malaquias Fernandes. Eles eram tão jovens, os filhos mais velhos de dona Bilu. Sorriu ao lembrar-se de sua amada mãe que tanto os ensinou sobre o caráter. Lembrou o dia da partida do Sítio Olhinhos D' Água, de Lajedo, quando ele acompanhado pela esposa Francisca e o casal de filhos: Valdomira, com aproximadamente 7 anos, e Pedro, com quase 4 anos, levaram em um carro de boi os poucos objetos e roupas que possuíam para iniciar a vida longe da proteção da terra paterna, aceitando o desafio de prover a sua própria família em sua propriedade em São Bento do Una. O desejo intenso no coração em conquistar novos sonhos e novas terras norteou a busca pela felicidade.

Naquele primeiro ano, as lutas em se adaptar foram intensas. Viveram a pior seca da região. Não havia água por perto, sendo necessário caminhar quase 100 quilômetros até a cacimba do povoado de Jurubeba para conseguir água e carregavam em carro de boi para a casa, tudo o que se plantava na terra não germinava, a vida não florescia. Os dois irmãos passaram por muitas privações. A vontade de desistir era companheira constante, mas algo dentro deles os fazia perseverarem. Era uma força quase que sobrenatural em acordar todos os dias antes do sol raiar. José sentava no batente da casa que era feito de pedra, olhava o horizonte e clamava a Deus o auxílio necessário para bem viver as lutas daquele dia. Pedia muitas vezes entre lágrimas, para que a Providência e a Misericórdia de Deus não os desamparassem ali naquele lugar tão seco que mais lembrava na maioria dos momentos a secura de seu coração. Assim, viveu os dissabores do ano mais difícil de sua vida.

O companheirismo da esposa Francisca embalou a esperança de José nos momentos mais difíceis. Quanta doçura em uma só pessoa. A família crescia e chegava o terceiro filho, Geraldo, que nasceu na simplicidade da vida na fazenda. Quando ele chegou ao mundo, às terras já haviam sido separadas e cada um dos irmãos cuidava da própria propriedade, do seu gado e administrava os seus bens materiais conforme a justiça ensinada pela mãe Bilu. O casal transmitia todo amor, cuidado e dedicação para a família que aumentava a cada ano. José e Francisca tiveram ao todo seis filhos: Valdomira Fernandes, Pedro Fernandes, Geraldo Fernandes, José Fernandes (mais conhecido como Dedê), Tereza Fernandes e Arlindo Fernandes. Quanto mais a família crescia, mais a vida na propriedade também se desenvolvia. A abundância na produção permitiu que os irmãos comprassem mais terras. E assim, o irmão Malaquias também construiu a sua própria família. Ele teve

dois casamentos. A primeira esposa chamava-se Tereza e com ela teve nove filhos: Halonso, Jerson, Fernando, Francisco, Maria, Pedro, Erasmo, Elizabete, Bernadete. Após o falecimento dela, ele se une em casamento com Maria com quem teve mais dois filhos: José e Josineide.

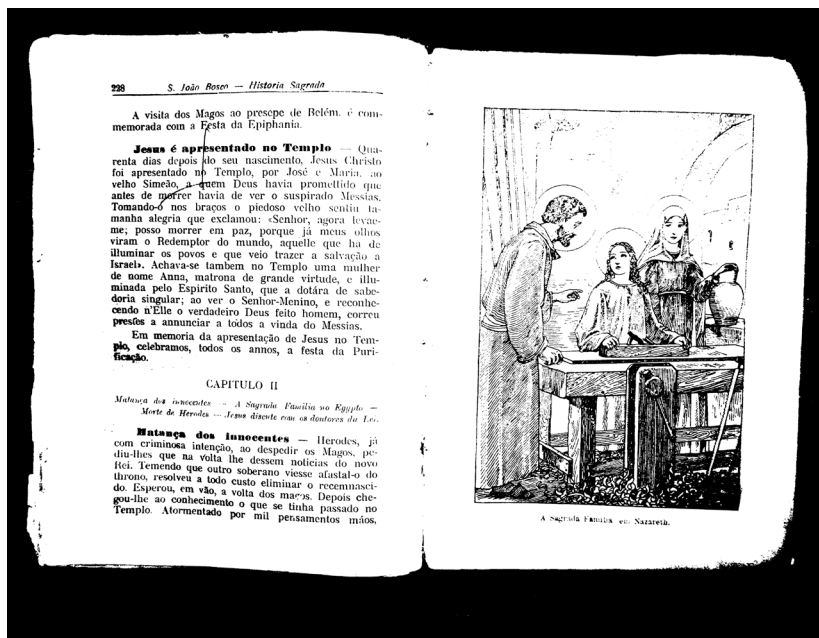
Pai Zé respira fundo. E a tosse seca mais uma vez o acomete. Recostase no travesseiro e recorda os momentos em que no início da vida naquelas terras pegava carona em um carro de boi até a cidade de São Bento. Lá vendia os produtos na feira. Era dia de sábado. Quando a feira acabava procurava um canto sossegado para dormir e mesmo no sereno, envolto em sacos ali descansava a cabeça e aguardava a Santa Missa que seria no outro dia pela manhã. O sacrifício semanal que ele realizava em participar da Missa todos os domingos não era nada diante de tudo o que Deus realizava em sua vida, o pão da família que nunca faltava, o amor entre eles, a devoção de Chiquinha, sua fiel companheira e a alegria dos filhos em seu lar. Tudo dom gratuito de Deus Pai! Ele sentia uma gratidão tão grande pela vida que levava pelas pessoas inesquecíveis que o cercava e assim, adormecia em paz. Quando a Missa terminava voltava para casa caminhando e contando nos dedos cada Ave-Maria que os seus lábios pronunciavam. Na hora próxima do almoço era visto ao longe pelos filhos que já o aguardavam no terraço da propriedade, seja brincando ou trabalhando nos afazeres da casa. Os seis corriam com amor ao encontro do abraço do pai.

Como os primeiros anos da infância dos filhos foram doces. A voz suave de sua menina Tereza encantava a todos. A família se reunia toda noite no grande terraço da casa para ouvi-la cantar as músicas de Luiz Gonzaga que já fazia sucesso nas grandes rádios do país. Amava todas as canções. A alegria e o amor estavam com todos. Ensinou

os filhos desde cedo os serviços da fazenda e cada um tinha os seus bois. Não permitia que nenhum dos filhos tivesse mais gado do que o outro irmão. Repartiam tudo em comum. Quando a criação de Pedro prosperava e nasciam mais filhotes de modo que ele tivesse em maior número do que os irmãos, tirava dele e distribuíam por igual entre Arlindo, Geraldo e José. Apenas, na hora do leite os animais eram separados em três currais diferentes. Quando o leite de uma vaca se tornava insuficiente para a fabricação do queijo, os filhos se ajudavam e completavam com o do outro. Desse modo, o equilíbrio era a medida mais justa de manter a unidade familiar. Todos possuíam o mesmo direito no cultivo da terra. A colheita era farta. Nos anos de safra o algodão, a mamona, o feijão, a mandioca, o milho e as batatas não cabiam dentro da casa que estava abarrotada com a colheita. José era um homem honrado pela Graça de Deus.

O trabalho e os seus frutos eram divididos em comum para todos. Não havia preferências no ensino e nem nas tarefas. Todos os dias todos os filhos acordavam na mesma hora. A família se unia para rezar antes mesmo do café da manhã. Sempre cantavam o Ofício da Imaculada Conceição e recitavam o Terço de Nossa Senhora. Logo depois, tomavam o desjejum e seguiam cada um rumo aos seus afazeres. As tarefas já eram pré-estabelecidas cada um sabia qual seria a sua missão e o que lhe comportava executar naquele dia e naquela semana. As meninas ajudavam a mãe Chiquinha que tinha dificuldade em locomoção a cuidar da casa, e os meninos auxiliavam o pai nos serviços com o gado e a plantação. Na vida na fazenda todos se ajudavam. Quando havia problemas a serem solucionados o assunto era conversado ali mesmo na frente dos filhos na mesa, após as refeições e partilhavam sobre os assuntos do roçado, do gado, do leite e tantos outros que faziam parte do cotidiano da casa e de seus

moradores e todos juntos escolhiam a melhor solução para a família. Antes de dormir se uniam para ouvir as histórias de Pai Zé que contava com lágrimas nos olhos sobre a avó Bilu e o vô Pedro. Também, não faltavam os ensinamentos bíblicos, as histórias da catequese e ensino de como se comportar nas Missas e na hora da Confissão e a importância dos sacramentos da Igreja Católica. As crianças já estavam mais crescidas e era preciso ensiná-los a arte de viver bem com sabedoria e prudência. Então, Zé, que agora já tinha o seu próprio carro de boi, começou a reunir a garotada de manhã bem cedinho para participar da Missa e toda a família o acompanhava. Todo domingo era sagrado a presença de cada um na Missa e os filhos cresciam na obediência aos pais e no exercício da Fé.



A rotina da família não era questionada e nem violada, pelo contrário, era respeitada. Os filhos tinham uma suprema devoção e amor ao pai Zé

e a mãe Chiquinha como assim os chamavam. Não havia brigas entre eles, mas a concórdia e a paz habitavam naquelas terras e a propriedade crescia assim como, os frutos da obediência a Deus também foram desabrochando e conquistando a admiração dos vizinhos.

A vista começa a escurecer. José sentia o peso dos anos, estava morrendo e sabia da importância em deixar o último ensinamento, em particular, para cada um dos filhos. Como todos moravam ali mesmo nas terras e mesmo com as suas famílias continuavam vivendo em comum acordo mandou chamar um a um para a despedida.

Tereza foi a última. Ela morava no centro de São Bento do Una com o esposo e os filhos. Veio o mais rápido que pôde ao receber o recado dos irmãos. Entrou no quarto e avistou o pai sentado na cabeceira da cama. Ele a chama para mais perto e pede para ela sentar na cama. Chiquinha fecha a porta do quarto. Era o último adeus entre pai e filha. Como fora tão amada essa menina e agora estava uma mulher casada e mãe de filhos. Conversam um pouco sobre as crianças, relembram juntos o nascimento do primeiro filho Raimundo Valdemir Cordeiro dos Santos. José estava em casa quando recebeu a notícia que Tereza sentia fortes dores na hora de parir o bebê e ele corre recitando a Ave-Maria nos lábios. Ao chegar à casa da filha para ajudá-la o neto tinha acabado de nascer em cima da mesa da cozinha. Era um varão, um menino grande com quase cinco quilos e diz pra filha: “Ele vai se chamar Raimundo⁶, pelo santo Raimundo Nonato que é o padroeiro das grávidas, das crianças e das parteiras que lhe auxiliou a dar a luz a este menino forte!” Muito contrariada com o nome imposto, mas obediente ao pai, ela o batizara de Raimundo Valdemir, mas na família todos só chamavam o menino em casa por Valdemir.

Pai e filha riem com as lembranças que vieram naquele momento de despedida. Tereza tenta dizer algumas palavras, mas é interrompida por José. Ele lembra o início do namoro da jovem com Luiz Cordeiro Manso, que era do povoado de Pimentel. O quanto ela suspirava e cantava apaixonada pela casa e o quanto havia confiado na filha a ponto de permitir que ela viajasse, acompanhada, é claro, para conhecer a família do noivo. A alegria em seus olhos era contagiante no retorno da viagem. E a certeza da reciprocidade do amor também. Respeitando a vontade da filha, ele abençoa a união e permite o matrimônio. Sendo que os anos de casamento foram tão difíceis. Luiz se entregou a bebida e já não era mais o mesmo homem. A vontade de se divorciar era grande e terminar sozinha a educação dos seus sete filhos: Raimundo Valdemir, Valdene Cordeiro, Valdir Cordeiro, Valdiro Cordeiro, Valderez Cordeiro, Valdécio Cordeiro e Valdenice Cordeiro. O pai percebe uma lágrima escorrendo pela sua face e a enxuga. Olha-a com amor eterno, mas com a voz imperativa, e suplica-lhe:

- Tereza, me prometa que você irá ser fiel aos votos que você fez no altar e viver com o seu marido até o fim. Fazendo isso você alegre o meu coração ele pode ser um homem difícil, mas com você ele fica melhor! Me prometa aqui no meu leito de morte que você irá amar e respeitar o seu esposo até que a morte os separe! E assim, poderei descansar em paz!

As lágrimas são inúmeras na face de Tereza. Luiz fora o homem que ela mais amara na vida depois do seu pai. Mas, Luiz já não era mais o mesmo, o homem que ela tanto amava já não existe mais. O sofrimento ocupou todo o espaço da vida a dois e o amor parece que tirou férias para não mais voltar. José segura firme na mão da filha. E enfatiza:

- Pelo seu bem, pelo bem dos meus netos. Me prometa! Jure cumprir os votos do seu matrimônio até o fim!

Ela responde:

- Tá certo, papai! Serei fiel aos meus votos perante Deus e ao Senhor! Ficarei com Luiz até o fim!

E os dois se abraçam. José descansa em paz sabendo que cumpriu o bom combate, guardou a Fé em Cristo e a transmitiu em herança para os seus. Encostou a cabeça na cabeceira da cama e recitou o Credo do Sertanejo até a voz se perder:

“Creio em Deus Pai

Pai tão generoso

Pai tão generoso

Caridoso Pai,

Crio na minha gente

Na terra e na semente

No amor que a gente sente

No amor que a gente dá.

Creio, creio

Na luz da madrugada

Nas chuvas, trovoadas

No céu bonito a prometer

Creio, creio

No passo da boiada

Que em meio a caminhada
Descansa em meu viver.
Creio na esperança
Nas minhas lembranças
Vaqueiro e criança
O tempo a passar
Creio na paisagem
De pobre pastagem
Que ensina coragem
E como espera.
Creio na partida
Amanhecida
Nos campos a vida
A terra a chamar
Creio nas enchentes
Nos rios valentes
Que faz do presente
Sertão se alegrar.”

Notas do capítulo:

⁶De acordo com o Dicionário dos Nomes Próprios (<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/raimundo/>) Raimundo tem origem na palavra germânica *Ragnemundus*, que é formado pela união da palavra *ragin* que significa “conselho” e *mundo* que quer dizer proteção. Sendo assim, o nome Raimundo significa sábio protetor e/ou aquele que protege com conselhos.

Capítulo III

A casa de todos

A batalha do perdão

Tereza, mulher valente, guerreira e com a fortaleza do Espírito Santo chega à sua casa depois da última conversa com o seu pai José. No caminho do sítio onde vivera sua infância até a cidade de São Bento do Uma, ela caminha relembrando as últimas palavras ditas pelo seu pai que ficaram ecoando dentro do seu coração:

- “Pelo seu bem, pelo bem dos meus netos. Me prometa! Jure! Cumprir os votos do seu matrimônio até o fim!”.

As lágrimas escorrem pela sua face e ela lembra todos aqueles anos vividos ao lado de Luiz, o tempo de namoro, a alegria dos primeiros anos de casamento. A emoção rouba-lhe um doce sorriso ao recordar dos nascimentos de cada um dos seus sete filhos, os seus maiores tesouros: Raimundo Valdemir dos Santos, Valdene Cordeiro dos Santos, José Valdir Cordeiro dos Santos, Valdiro Cordeiro dos Santos, José Valderez Cordeiro dos Santos, Valdecio Cordeiro dos Santos e Maria Valdenice Santos de Mendonça.

Ao chegar em casa, Tereza caminha em direção ao seu quarto e fecha a porta. Ajoelha-se ao lado da cama e prostra o seu rosto no chão. Em silêncio, derrama as dores do seu coração na presença de Deus Pai e permite que as lágrimas sejam a sua primeira oração. Conta todas as mágoas que tem guardado durante todos aqueles anos de incompreensão e sofrimento e em um ato de Fé, decide perdoar o homem com quem se casou. Escolhe amá-lo e respeitá-lo mesmo que

ele não mereça. Toma a atitude de viver como Deus espera e não mais viver segundo as suas próprias vontades, impulsos e desejos. Ao se levantar, já não era ela quem vivia, mas Cristo que vivia através dela. Atinge o entendimento, na Fé, sobre o milagre de viver para Cristo.

Ao sair do quarto, os seus filhos percebem a mudança na atitude da matriarca da família. A Fé a transformara por dentro e por fora. Tereza dedica-se a mergulhar e viver pela Fé. Recebe o convite de ser ministra da Eucaristia e todos os domingos levava a comunhão para os doentes. Sempre pronta para dar um sorriso, uma palavra de conforto e de consolo diante do sofrimento físico que acompanhava o povo de Deus. Dedicava-se na oração e na partilha do Evangelho. Esforçava-se diariamente para compreender o agir de Deus mesmo sem entender os planos do Pai do Céu, vivia a obediência aos ensinamentos e servia na simplicidade de sua vida, sempre com a alegria em seu rosto. Todos os dias, com um sorriso gentil acolhia quem chegasse perto, adulto ou criança, eram bem tratados em sua casa. Tereza deixava as visitas tão à vontade que rapidamente o seu lar ficou conhecido como a casa de todos, sendo parada obrigatória para os seus parentes e amigos que vinham do campo para resolver algo no centro de São Bento do Una. A excelente localização da residência que ficava na Avenida Osvaldo Celso Maciel, nº 274, era um atrativo a mais, pois ficava perto de tudo: da feira, da Igreja, da praça e do comércio local.

A mãe de Tereza, dona Chiquinha sofreu bastante com a saudade após o falecimento do seu amado José. E não resiste muito tempo, com aproximadamente um mês, ela também falece. Foram dolorosas perdas para a família se despedir em tão curto tempo do patriarca e da matriarca, mas a oração os unia, a Fé nos planos de Deus fortalecia a caminhada e a unidade entre os irmãos ajudava na perseverança em viver a vontade de Deus Pai.

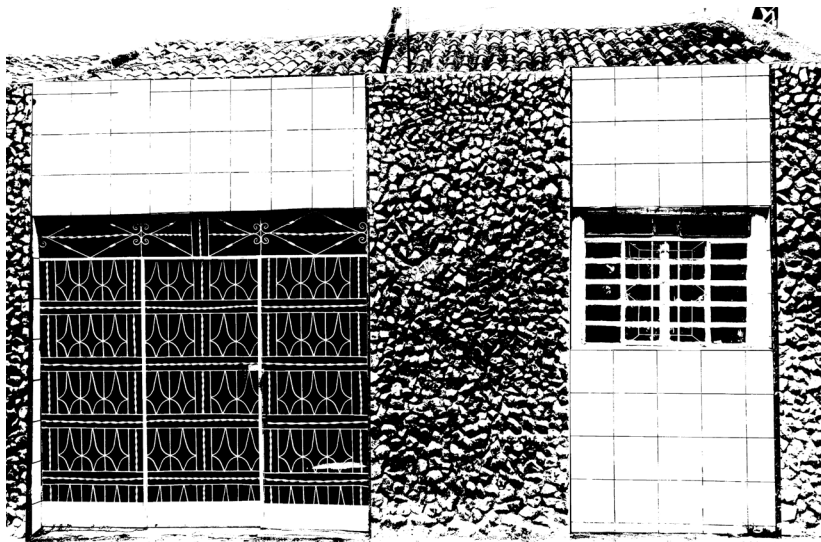


Foto fachada da casa de Tereza

A alegria de Tereza era traduzida em viver o Evangelho ensinado por Jesus Cristo. O enigma em ser a menor para ser a maior em Deus é vivido na humildade nas pequenas-grandes atitudes. A vida constante de oração a fortalecia nesta caminhada de Fé. Todos os dias ela participava da Adoração, visitava Jesus Eucarístico e naquele momento renovava as suas forças. Atuou no Apostolado de Oração por muitos anos, mulher de participar de muitas missas, não perdia nenhum retiro espiritual e rezava muito com as novenas, o rosário, o ofício e tinha uma devoção em especial por Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro. Dedicava-se a pastorear os seus filhos e sobrinhos, sendo a primeira catequista da família. Ela cuidava para que todos participassem da Missa e dos sacramentos e não deixava ninguém faltar. Tinha um profundo amor pelas crianças, ensinava-os com paciência, respeitando a idade de cada um.

Tereza amava a música e deixava que a melodia da vida fosse embalada pelas canções. Ela cantava o dia inteiro. Era bastante afiada e cantarolava enquanto fazia os serviços de casa: na pia lavando os pratos, ou quando estava lavando as roupas e até na máquina de costurar ou quando estava na sala bordando. Quando começava a murmurar baixinho alguma música rapidamente todos silenciavam, pois sabiam que rapidamente ela estaria transmitindo toda a alegria e simplicidade através dos versos de Luiz Gonzaga que exaltava o amor pelo povo nordestino. Nestes anos, Gonzagão já fazia sucesso nacional sendo conhecido como o Rei do Baião apresentando nas notas de sua sanfona a vida simples do nordeste brasileiro. Tereza cantava a música “Asa Branca” e em frações de segundos se lembrou da casa de seu pai, a sua voz transmitia toda a saudade que ela sentia nos tempos de sua juventude em que seu pai desligava o rádio só para ouvir a filha cantar. Quanto amor entre pai e filha que a morte não é capaz de apagar.

A batalha da educação

Quando o filho mais velho de Tereza, Valdemir, atingiu a idade escolar, a mãe o preparou para o primeiro dia de aula. Economizou o dinheiro que recebia das costuras e comprou com muito sacrifício o material didático: caderno, lápis e borracha. Na noite antes de ir à escola cuidou de cada detalhe como se fosse uma cerimônia, passando e engomando o fardamento com um sorriso estampado em seu rosto. A satisfação era evidente a ponto de ignorar as implicâncias do seu esposo que não entendia a importância daquele momento e a criticava com palavras. Em seu coração, ela silenciava e rezava pedindo a Deus que tivesse misericórdia daquele homem. Como Luiz poderia entender a importância dos estudos se ele não tivera a oportunidade de estudar? Pobre homem, nem sabia ler e nem escrever. Não conhecia o

poder transformador da educação. Então, como poderia compreender que os estudos mudariam o rumo daquela família? No povoado de Pimentel, de São Bento do Una em que Luiz vivera não tinha escola e nem professores por perto, ele havia crescido em meio ao trabalho duro do campo e hoje ganhava o sustento da família como açougueiro, mas não era esse o futuro que a mãe sonhava para os seus filhos e acreditava no poder transformador da educação. Por isso, ela travou uma batalha dentro do lar para que houvesse novas oportunidades no futuro dos seus filhos que cada um pudesse escolher a própria profissão através da educação.

No primeiro dia de aula, Tereza dava o primeiro passo ao arrumar Valdemir para a escola, por ser o filho mais velho, os irmãos seguiriam os seus passos e rapidamente todos estariam alfabetizados e poderiam escolher o próprio futuro. Ela sabia que o maior tesouro que deixaria plantado no coração dos seus filhos seria a Fé e a Educação. Então, decidida, ela arrumou o menino, a mochila escolar e saíram juntos de casa. A mãe segurava firme a mão do filho e assim caminharam até a porta da Escola Rodolfo Monteiro Paiva. Quando chegam ao portão, era o momento de deixar Valdemir caminhar sozinho. Tereza se abaixa, olha nos olhos do filho, se emociona ao vê-lo dando um pequeno passo que irá mudar o rumo e o futuro, abençoa-o e diz:

- Deus te faça feliz, boa aula, meu filho!

Ela espera o filho entrar na escola. Quando o perde de vista, está na hora de voltar para casa e para a sua rotina. Tereza suspira aliviada, venceu o primeiro dia da batalha da educação em sua casa. Ela sabe que não será fácil, mas os seus filhos serão todos alfabetizados e educados para terem a oportunidade de um novo futuro. Volta para casa e para os seus

afazeres pensando em como Valdemir deve estar amando as novidades da escola e esse sentimento enche o seu coração de amor e paz. A manhã passa rápido demais e já está na hora de ir buscar o garotinho na escola. Tereza se arruma e antes do horário de terminar as aulas ela já está lá na porta da escola. Para a sua surpresa, o filho demora muito pra sair e ela já começa a ficar preocupada: “cadê o meu garoto?”, ela pensa. Ansiosa, a mãe decide entrar na escola para procurá-lo e ao entrar no primeiro corredor avista o filho andando cabisbaixo, tristonho, com os olhos bem vermelhos de tanto chorar. Preocupada, ela senta com ele e pergunta: “o que aconteceu, meu filho?” O garoto abraça a mãe e entre lágrimas conta que o nome dele é Raimundo Valdemir dos Santos que foi assim que a professora o chamou na lista e diz decidido: “o meu nome é Valdemir. Não gosto de Raimundo. Não quero que esse seja meu nome, mamãe”. Tereza enxuga as lágrimas do filho e suavemente conta como ele nasceu e revela que a escolha do nome havia sido um pedido do vovô José em agradecimento pelo nascimento do primeiro neto e pela intercessão do santo Raimundo Nonato que, como ele, também teve muitos problemas ao nascer, pois a mãe dele morreu no parto com ele ainda na barriga e mesmo assim conseguiram salvá-lo e por isso, é considerado o protetor das mulheres em trabalho de parto e das parteiras. Tereza sorri e aperta com os dedos suaves o queixo do seu filho e o convida para irem almoçar em casa. E assim, na família, todos o chamavam de Valdemir e na escola era conhecido como Raimundo, mas o que poderia atrapalhar a vida escolar serviu de trampolim no aprendizado, pois nascia um novo jovem homem: Raimundo Valdemir que possuía uma sede natural pelo conhecimento, amava aprender e a cada dia aprendia a amar mais os seus estudos.

Tereza recebia muita ajudava do filho mais velho Raimundo Valdemir

para cuidar dos irmãos mais novos. Ele chegava da escola e a ajudava muitas vezes com as pequenas tarefas da casa no banho dos irmãos menores, penteando os cabelos e vestindo a roupa e os sapatos dos mais novos. Sempre foi um filho muito direito, sério e amigo da verdade. Quando os irmãos caçulas erravam tinham medo de ir contar para o irmão mais velho, porque conheciam o seu temperamento e sabiam, também, qual seria a reação dele que não iria aceitar e nem passar a mão na cabeça de ninguém, mas teria a atitude de corrigir tão rapidamente tivesse conhecimento, pois andava com a verdade e não admitia falsidade!

O sonho em cursar medicina já ocupava a mente e o coração de Raimundo Valdemir. A cada dia se dedicava mais nos estudos e com isso, conquistou destaque na escola e ganhou uma bolsa de estudo no Colégio Municipal Padre Agobar Valença, em Garanhuns. Na época, era a escola de referência da região. Tereza não tinha palavras. Apenas sorrisos demonstravam a satisfação do caminho que o filho trilhava. Aos poucos, os irmãos também encontrariam o mesmo amor pela educação e também, poderiam escolher o próprio futuro. Com lágrimas nos olhos, Tereza abençoa a saída do filho para morar em Garanhuns e se preparar para ser um jovem médico. Raimundo Valdemir se despede com amor de sua amada mãe, dos seus irmãos e do seu pai e com uma pequena mala na mão caminha em direção ao seu futuro.

Já observava uma jovem são-bentense que tinha longos cabelos na altura da cintura e a pele clara alva como as nuvens. Gostava de olhá-la. A moça se chamava Gisoneide Almeida dos Santos. Eles se viram pela primeira vez no açougue de sr. Luiz quando a moça foi procurar um primo que ali trabalhava para dar um recado. Os olhos

de Raimundo e Gizoneide se cruzaram pela primeira vez e o brilho no olhar foi recíproco. Mas, neste ano, de 1968, era o primeiro ano de estudo em Garanhuns e eles ficaram longos meses sem se encontrarem novamente.

Quando entrava de férias, Raimundo Valdemir logo voltava para a casa. A saudade era grande e castigava o seu coração durante longos meses. Não havia nenhuma forma de contato só através de bilhetes e recados quando algum conhecido passasse perto de casa. Por isso, o recesso era tão aguardado e a oportunidade de reencontrar os seus. Quando ele estava em casa era uma festa. Toda a família ia para a Missa na Igreja do Bom Jesus dos Pobres e Aflitos sob os cuidados de dona Tereza que não deixava nenhum dos seus faltarem, pois diariamente ela pastoreava o seu rebanho familiar...

A batalha da sobrevivência

A vida continuava na casa de Tereza, as dificuldades eram muitas, mas ela se orgulhava em ser são-bentense, pernambucana, nordestina e brasileira. Acreditava que em todas as batalhas seria vencedora e não deixava faltar amor em suas atitudes e em sua casa. A esperança era viva e a cada dia renovava em si os bons sentimentos com a boa música. Havia aprendido com a sua mãe Chiquinha a arte das linhas e agulhas, dominando com maestria as técnicas da costura e do bordado. Partilhava com muita dedicação para a sua única filha Valdenice e as sobrinhas os conhecimentos aprendidos com a sua mãe, além de dar aulas para vizinhas e amigas abrindo as portas de sua casa para que todas que tivessem interesse pudessem aprender. Incentivava a todos os filhos e sobrinhos a frequentar a escola, sem faltar! Preparava um lanchinho especial para os sobrinhos depois da aula e antes deles

pegarem o carro de boi para irem para casa. Primeiro, o lar de Tia Tereza, que ficava bem perto da escola, era parada obrigatória para todos que assim desejassem até os amigos da escola eram acolhidos com amor e alegria. Na hora das refeições todos eram convidados e comiam juntos. Recebia um a um, alimentava-os e cuidava para que nenhum deles perdesse o último carro de boi que os levava de volta para o sítio.

O amor e a dedicação em cuidar das crianças não tinham como ser medidos. Tereza amava ensinar e ensinava a amar. Na simplicidade de sua vida com abundância de oração protegia a todos os seus queridos. Seus filhos passavam todos os finais de semana no sítio que era do vô José e ficou em herança para o tio Pedro as crianças continuavam indo para a casa dos tios e durante as férias da escola estavam na fazenda vivendo as travessuras próprias da idade. Ela em casa rezava e pedia a Deus proteção aos seus e nenhum deles nunca quebrou nenhum osso de seu corpo mesmo aprontando todas as peraltices que a infância permitia, mas devido às orações sinceras de proteção de uma mãe, Deus os cobria e os guardava, livrando-os de todas as situações de perigo. Ensina sobre o amor de Deus através de seus gestos de cuidado com os que lhes eram amados, dedicava o seu tempo ao serviço de todos com vigilância constante em guardar a Fé e os mandamentos.

O companheirismo existente no trabalho diário no açougue em que Tereza com a pouca instrução que tinha ajudava Luiz na administração. Ela estava ao lado do esposo, cuidando dos orçamentos do negócio familiar. Mas, com a pesada seca de 1970 não tinha como continuar sustentando a família apenas com a renda do açougue e das costuras. Luiz decidiu ir para São Paulo procurar emprego por lá e enviar as economias para o sustento da família. Com muita tristeza em ver o

sonho de seu filho mais velho partido, ela precisa chamar de volta Raimundo Valdemir para ajudá-la e ele prontamente acolhe o pedido de sua mãe. Engaveta o sonho de ser médico, arruma as malas e volta para casa para cuidar do sustento dos seus.

Quando chega em São Bento do Una, Raimundo Valdemir conquista logo emprego como professor. A princípio, ele começou a dar aulas particulares para os filhos dos vizinhos, e depois, um novo desafio: lecionar na Escola Municipal Lenita Fontes Cintra. O dinheiro do trabalho como professor ajudou em casa na batalha da sobrevivência a superar os momentos difíceis da seca do agreste e depois que as chuvas se estabelecem na região, Luiz retorna de São Paulo para a família e a lida no açougue. E a vida segue pedindo a Deus as chuvas por meio do Pai-Nosso:

“Dai-nos chuva Pai Eterno abra o divino véu.

Lembrai-vos dos pecadores Pai Nosso que estais no céu.

Dai-nos chuva Pai Eterno se não morremos de fome tende dó dos inocentes santificado seja vosso nome.

Dai-nos chuva Pai Eterno vinde, vinde socorrei-nos por Vossa Misericórdia venha a nós o vosso reino.

Dai-nos chuva Pai Eterno pela vossa santidade que todos nós esperamos seja feita vossa vontade.

Dai-nos chuva Pai Eterno que nós todos somos réu tende dó dos pecadores assim na terra como no céu.

Dai-nos chuva Pai Eterno pelo amor de Maria que é nosso alimento o

pão nosso de cada dia.

Dai-nos chuva Pai Eterno que das nuvens derramai a terra fique encharcada nos dai hoje, perdoai-nos.

Dai-nos chuva Pai Eterno todos pedimos a vós pagaremos em penitência devedores somos nós.

Dai-nos chuva Pai Eterno vós querendo bem podeis conduzi-nos para a glória e desde agora convertei-nos.

Dai-nos chuva Pai Eterno pela morte e paixão pelo cordeiro imolado livrai-nos da tentação.

Dai-nos chuva Pai Eterno por vossa divina luz livrai-nos Senhor do mal em nome do Senhor Jesus, amém!”

Capítulo IV

Os filhos de Tereza

Os encontros

“Que a alegria do Senhor seja a vossa força! Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe”, após a bênção do padre que marca o fim da Missa na Paróquia Bom Jesus dos Pobres e Aflitos e anuncia o início dos encontros e desencontros dos jovens na Praça Cônego João Rodrigues.

A vida acontecia ao redor da Igreja. Os jovens são-bentenses se arrumavam com as suas melhores roupas de festas e iam para a praça conversar todos os domingos, após a Missa. Era o momento de lazer. Os rapazes ficavam parados, uns sentavam nas altas calçadas e outros preferiam ficar em pé. Eles contavam anedotas, piadas enquanto observavam as moças que desfilavam com os vestidos mais belos. Elas andavam pela praça iam e vinham com as suas amigas conversando e sorrindo. A alegria destes momentos de encontro da juventude era constante. Nas cidades da redondeza, a juventude de São Bento era conhecida pela sua beleza, os homens e mulheres eram bastante vaidosos e gostavam muito de se arrumar.

Quando chegava o período das festas de final de ano, a cidade recebia os filhos que estavam estudando longe. A população aumentava consideravelmente e a praça era a oportunidade de reencontro entre velhos amigos. Os filhos de dona Tereza não perdia nenhum desses momentos. Os rapazes ficavam ali, colocando as conversas em dia nas rodadas de amigos e observando as moças que passavam. Esse era o local de encontros e desencontros da cidade!

Em novembro de 1975, unia-se em matrimônio Raimundo Valdemir dos Santos e Gisoneide Almeida dos Santos. Da união, tiveram três filhos Marttony Almeida dos Santos que nasceu no dia 26 de março de 1977, Danielly Almeida dos Santos que nasceu em 16 de dezembro de 1979 e Jacob Almeida dos Santos que nasceu em 14 de dezembro de 1984.

O discípulo do amor

A cidade de São Bento sempre fora uma inestimável riqueza para os filhos da terra. Os são-bentenses que moram longe correm para visitar a cidade na Festa do Bom Jesus dos Pobres e Aflitos que no dia 5 de janeiro celebra o dia dos filhos ausentes da terra.

O comércio da região se mantém através dos próprios moradores que valorizam o esforço e o sacrifício dos são-bentenses. A feira popular, que pela tradição ocorre todos os sábados e é uma das maiores do interior de Pernambuco, encontra-se na extensão de mais de três quilômetros uma variedade de produtos para compra e venda desde animais até utensílios do lar, objetos de decoração e mantimentos. A feira é democrática, acolhe comerciantes de outras localidades, mas muito raro, encontram-se os são-bentenses comercializando em outras feiras da região, porque o amor e a dedicação para com a própria terra é um traço da fidelidade deste povo que tira o seu sustento e sobrevivência de suas terras.

O céu da cidade sempre fora tão estrelado. A luz das estrelas ilumina os passos dos são-bentenses através da benção em especial do padroeiro da cidade, Bom Jesus dos Pobres Aflitos e do protetor, como os fiéis o invocavam, o Senhor São Bento. Havia um jovem, filho da terra e também, de dona Tereza e sr. Luiz, que tinha uma profunda

capacidade de amar. Seus olhos castanhos escuros transmitiam uma profunda paz, a sua voz tinha uma suavidade como a mais perfeita das melodias e comunicavam a doçura e meiguice do seu coração, em seus gestos demonstravam a simplicidade da vida do campo e o seu sorriso ensinava a alegria de viver com as mãos sempre prontas para ajudar quem se aproximasse... Esse jovem chamado Valdiro Cordeiro dos Santos herdou a chama acesa da luz da Fé da sua família: a porção do seu vô José, misturado com a devoção de sua bisá Bilu encontraram na terra do seu coração, terreno fértil.

Diro, como assim todos os chamavam, seguia os passos do irmão mais velho Raimundo Valdemir Dos Santos. Havia cursado o primário no Grupo Escolar Rodolfo Monteiro Paiva. Depois, continuou os estudos no Curso Secundário Técnico Agropecuário, no Colégio Cônego João Rodrigues e seguia para a Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim (Fabeja) onde cursou Ciências Naturais, em 1980. Dona Tereza, sua mãe, que educou todos os seus filhos com amor, observava no silêncio do seu coração a colheita das sementes plantadas quando os seus meninos ainda eram pequenos. A certeza crescia em seu coração que através da educação se torna possível realizar qualquer sonho. E na década seguinte, em 1990, Diro se forma em Licenciatura Plena em Biologia, pela Faculdade Olindense de Formação de Professor (Fofor).

Valdiro se apaixonou pela jovem Maria da Conceição Martins com quem se casou e teve três lindos filhos: Catarina Maria Martins Cordeiro, Carolina da Conceição Martins Cordeiro e Filipe Martins Cordeiro. A exemplo, do carpinteiro que teve a honra de ser o pai de Jesus, Diro cuidava da família que Deus o havia presenteado, vivendo num cenáculo de amor em um lar de oração. Nada faltava, pois o amor se esbarrava em cada canto e recanto da sua casa. O amor estava em

cada gesto, em cada palavra trocada, em cada beijo dado. O amor estava em toda atmosfera daquele lar!

Em sua carreira profissional, Diro já tinha trilhado um caminho de sucesso. Começou trabalhando como extensionista rural na cidade de Saíre, pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Pernambuco (EMATER-PE), depois lecionou matemática e atuou como vice-diretor da Escola Municipal de Barra de Guabiraba. Também, teve o privilégio de retornar a sua primeira escola como professor de matemática, ciências e religião, ensinando aos alunos de 1º grau, da Escola Rodolfo Monteiro Paiva. Além de ocupar a direção da Escola Reunida Paroquial Dom Bosco, de São Bento do Una. Aceitou o desafio de ser técnico do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), de Moreno, e ocupou o cargo de Chefia Geral do Núcleo de Adolescente (Fundac) e por fim, torna-se membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, de Caruaru.

A alegria contagiava a vida de todos que o encontravam seja na rua, no trabalho, na Igreja ou seja em casa. Todas as sextas-feiras se reuniam na casa de um amigo diferente e escolhiam a casa da próxima semana para fazer o churrasco e colocar a conversa em dia. Nestes momentos, Diro reencontrava os novos e velhos amigos. Em nenhum domingo ele faltava a Santa Missa. Em um certo dia, enquanto trabalhava Diro fez a seguinte pergunta para si mesmo: “se Jesus me chamasse hoje o que eu iria ofertar ao Senhor?” E essa pergunta ecoou em seu coração durante toda a semana.

Já era sexta-feira, dia do churrasco entre os amigos. Diro está feliz, sempre é uma festa rever seus queridos amigos, havia muita carne,

animação e música. As conversas animadas embalavam aquele fim de tarde e no momento em que o sol se põe, como que de repente, através de um sopro do Espírito Santo em seu coração, ele ouviu a sua resposta: “preciso ofertar ao Senhor a conversão da minha alma e a evangelização de mais almas!”. Como que ao ser despertado de um sonho tão real, Diro naquele instante conversou com os seus amigos e lhes convidou para, a partir daquela próxima sexta-feira, celebrar a vida não mais com o churrasco, mas com a Palavra de Deus.

Em cada sexta-feira, ao invés do churrasco na casa dos amigos era realizada evangelização de casa em casa com a recitação do terço mariano, ofício da Imaculada Conceição e leitura do Evangelho do dia. Um período de intenso aprendizado ocorreu quando Diro conviveu com o movimento dos focolares e logo depois, conheceu o movimento religioso da Renovação Carismática Católica. Acompanhado pelo irmão mais velho que em muitos momentos esteve presente nas evangelizações, Diro pregava os ensinamentos de Jesus. São incontáveis histórias de evangelização dessa dupla de missionários que foram dois a dois anunciando a Boa Nova munidos da armadura do cristão até os confins daquelas terras agrestinas, principalmente, dos povoados mais longínquos.

Quando a noite de Natal se aproximava, Diro reunia os amigos na véspera do nascimento do menino Deus. O local de encontro acontecia sempre na Igreja Perpétuo Socorro, por volta das 20h. Todos eram bem-vindos para o início da Serenata de Natal. A turma unida cantava com voz e violão percorrendo as principais ruas de São Bento do Una cantando: “O silêncio está cantando uma canção de amor e paz” e ao parar em frente as janelas fechadas a cantoria continuava: “o silêncio está rezando uma oração por teu irmão” até que os moradores

abrissem as portas e se juntassem ao grupo que espalhavam a alegria do nascimento de Jesus para os são-bentenses com a melodia: O silêncio está gritando, pedindo paz, gritando amor. O silêncio está falando, põe teu amor, no teu Senhor”.

A grande prova

Diro vivia em sua simplicidade de coração a vida que Deus o havia permitido, trabalhava com ética, honrava os seus pais, cuidava dos seus filhos, amava a sua esposa e evangelizava em seus momentos livres. Um homem exemplar em todas as situações que a vida lhe permitia viver. Ele estava sentindo uma dor de cabeça há alguns dias que teimava e não passava. Então, decide procurar o médico em Recife que lhe recomendou alguns exames mais específicos. Após reunir os resultados, marca uma nova consulta.

Ao sair da consulta, com o resultado dos exames nas mãos o coração estava pequeno do tamanho de um grão de mostarda. O aperto no peito era forte e intenso. A respiração esparsa e distante... Diro mergulha em seus pensamentos que vagueiam entre perguntas e mais perguntas: Como é possível? Estar com os dias contados e sem perspectiva de futuro? Cadê a Fé e a Esperança? Onde estão neste momento? Depois de anos evangelizando, divulgando a Boa Nova de Jesus Cristo, como poderei viver sem sentir esse amor? Que amor? Amor que me levará da minha família, dos meus filhos e dos meus sonhos? Será amor? Por que só sinto neste momento dor e a dor me levou para um abismo escuro de aflição, não reconheço essa tempestade que se instaurou na minha vida e nem sei o que fazer para dissipá-la... O que posso fazer? Talvez, o melhor seja antecipar a dor, a morte, para quê sofrer? Para que definhar aos poucos? O melhor é resolver isso logo e agora...

Movido pelo impulso, Valdiro em um momento de desespero e solidão tinha apenas o laudo médico em mãos, não encontrava em seu coração a Fé e nem a Esperança. No agitado trânsito de Recife pensa: “que Deus me perdoe!” e joga o seu corpo para o carro que vinha em sua direção. Mas, uma freada brusca do motorista impede aquele acidente e o carro para com centímetros de distância sem machucar o pobre homem. O motorista atordoado buzina ferozmente... o som estridente rompe os pensamentos de Diro que se levanta do asfalto e com as pernas cambaleando volta para a calçada e caminha meio sem direção, sem rumo, com o coração pesado e triste, apenas anda. Ao longe, avista uma torre de uma Igreja e decide ir até lá. Caminha olhando para a torre. Quando chega à porta tem a surpresa de encontrá-la aberta e imediatamente entra. Caminha até o sacrário, ajoelha-se e rasga o seu coração para Jesus:

- Senhor, diz, não sou melhor do que os outros homens, mas tenho três filhos pequenos: Catarina, Carolina e Filipe. Não posso deixá-los. Eles precisam de mim. Também, tenho a minha esposa Ceça não posso deixá-la sozinha. Tenho a minha família, minha mãe e meu pai, meus irmãos, meus amigos, meus alunos da Fundac. Senhor, quem cuidará deles por mim?

O choro guardado é preso e rompe a sua face como uma represa que sangra. As lágrimas falam ao coração de Deus Pai o que as palavras não conseguem mais dizer... E Diro chora, grita a dor do seu coração em ter recebido a sentença de morte e estar com os dias contados. Quando não havia mais palavras para dizer e nem lágrimas para chorar. Diro olha para o Sacrário e em um ato de Fé diz: “Jesus, eu confio em vós!” Se levanta dali e caminha em direção a sua casa.

Naquela noite, ele não falou nada, nem brincou com os filhos que o aguardavam chegar do trabalho e tampouco jantou. Apenas adormeceu. Estava tão cansado e sem forças que rapidamente dormiu e durante a noite sonhou com uma jovem mulher. Ela estava vestida de azul claro da cor do céu e suas palavras o consolavam da sua amarga tristeza. Acordou com a última frase dela que dizia: “Vá para Cimbres e peça a sua cura! Deus irá lhe atender!”

Quando o sol despertava um novo dia, Diro se levantou e enfrentou os seus maiores medos. Naquele dia, ele não foi ao trabalho. Pegou o carro e dirigiu para Pesqueira até chegar à vila indígena de Cimbres onde uma menina camponesa havia visto a mãe de Deus naquelas rochas.



Ao avistar a trilha que leva ao local da aparição, Valdiro sente um forte vento como que acariciando a sua face. Olha para o horizonte, respira

fundo e sobe a montanha em sinal de penitência. Caminha sem vacilar e com os olhos fixos na montanha. Quando atinge o alto da montanha bem perto do local da aparição, Diro se ajoelha e suplica: “Jesus, eu peço dai-me a minha cura espiritual em integridade e profundidade!”

O coração de Diro faz um silêncio. Ele conhecia aquele silêncio e mais ainda reconhecia aquela paz. É quando a força de Deus rompe os maiores medos, sua fraqueza, e o consola. A paz invadia o seu ser primeiro por dentro e logo o envolvia por fora. Diro se levanta, faz o sinal da cruz e retoma a trilha para voltar pra casa. A hora se passava e já era quase noite.

Os dias se passavam e estava chegando o Carnaval. Diro iria receber em sua casa em Moreno os seus irmãos, cunhadas e sobrinhos. A família tinha o hábito de se unir para passar os quatro dias juntos. Chegou o grande dia de rever a família. A casa está cheia, todos alegres e Diro apenas observava a alegria de conviver com os seus. De repente, ele se levanta e chama o seu irmão mais velho Valdemir. Caminham em silêncio até o quarto, fecha a porta e olha nos olhos dele e diz:

- Meu irmão, eu quero dividir com você um segredo! Me prometa que não vai contar pra ninguém.

Raimundo Valdemir olha preocupado. Sabia reconhecer quando o irmão brincava e quando estava falando sério e naquele momento ele estava muito centrado. E responde prontamente: “sim, pode contar comigo!”

E Diro continua: “eu estou com os dias contados. Vou morrer, meu irmão, com um tumor no cérebro. Mas, hoje quero que todos celebrem a vida, não quero contar agora para a nossa família, mas precisava

partilhar isso com você!”

Raimundo Valdemir fica paralisado diante daquela revelação. Não tinha palavras, mas no canto esquerdo do seu olho brota uma lágrima que ele cuida rapidamente de enxugar. Raimundo caminha até o seu irmão e o abraça forte. O abraço durou tempo suficiente para ser eternizado em seus corações! Quando voltam para a festa, Raimundo e Diro guardavam um precioso segredo que os unia ainda mais.

A Fé vence a morte

Raimundo esteve ao lado do irmão em todos os momentos. Com amor, acompanhou e ajudou aquele a quem era tão caro e raro no mundo. Diro se muda com a família para São Bento do Una, pois o desejo de ficar perto dos seus o dominou. Ele, a esposa e os filhos retornam para a sua cidade natal.

O ser humano é inquieto, quando não compreende as situações da vida. E em alguns ricos momentos se faz imprescindível confiar e não tentar entender. Este era o momento de Diro. Oportunidade para ele crescer na Fé sem o entendimento, mas sim, com a confiança alicerçada nos planos de Deus.

O tumor crescia e com o tempo impossibilitava Diro de ser independente. A cada dia ele precisava de mais da ajuda da esposa, dos filhos, dos irmãos. Ele foi perdendo os movimentos como andar, também, foi perdendo os sentidos como ouvir, mas continuava tocando violão e cantando louvores a Deus Pai. Participava das orações do Grupo de Oração Chama de Amor nas quartas e nos sábados do momento de louvor. As orações aconteciam na Igreja Péripetuo Socorro, em São Bento do Una. Quem o visse por menor que fosse o momento levava

consigo a perseverança na Fé de Diro que continuava exaltando as maravilhas de Deus.

Era dia 8 de setembro de 1994, Diro pediu para que o levassem até a cidade de Lajedo, pois era preciso celebrar uma data muito importante. Perto das 18h ele bate na casa da sua prima Jandira Fernandes da Silva que todos os anos comemora a Festa da Natividade de Nossa Senhora. Com a surpresa da visita, em meio à banda de Pifanos e ao bolo que ele preparara com tanto amor e carinho para a mãe de Jesus, Jandira recebe o primo que vinha sendo carregado por amigos. Ao entrar na sala Diro logo fala:

- Eu precisava vir para a festa de aniversário da minha mãe do céu!

E Jandira, emocionada, acolhe-o e juntos celebram mais uma Festa da Natividade de Nossa Senhora.

Diro continuava a sua missão de evangelizador. Agora, havia mudado a forma de evangelizar não mais rezando nas casas, mas com a sua fidelidade, com o seu amor, com o seu coração sereno diante da vontade de Deus transforma a sua vida em uma evangelização. Ele refletia sobre o quanto normalmente planejamos tudo o que é realmente importante em nossa vida: os estudos, o dia do casamento, as férias, os sonhos de ter filhos... Cada importante momento é devidamente planejado e pensado com riqueza de detalhes, porém, não pensamos sobre a morte, que também é um momento importante: voltar para a casa do Pai. E decide se preparar para ter uma boa morte.

Mesmo tendo comprometido a audição pela doença, Diro decide gravar um CD com voz e violão, selecionando as músicas mais especiais para tocar em seu funeral, prepara a mortalha, escolhe e paga o seu próprio

caixão, seleciona as frases do seu santinho e a sua foto e anota toda a sua preparação em bilhetinhos para a sua esposa. Não queria que ela ficasse triste, mas aceita a vontade de Deus Pai em sua vida. Certa noite, Diro estava na farmácia do seu irmão mais velho, conversando com ele e o seu irmão caçula Décio e chegam duas ex-meninas da Fundac perguntando pelo pai Diro. Raimundo o chama e ele conversa com as jovens que se despedem com lágrimas de saudade nos olhos. Era assim que os seus ex-alunos o amavam, como pai.

Era a manhã do dia dezenove de novembro de 1994, Diro sabia que esse seria o seu último dia, pois havia recebido uma revelação de Nossa Senhora sobre o dia da sua morte. Mandou chamar o seu irmão mais velho que rapidamente deixou o serviço e chegou à sua casa. Diro estava deitado, chamou o irmão para se aproximar e lhe disse baixinho: “meu irmão, hoje é o meu dia. Hoje irei encontrar face a face com Jesus”. Com dificuldade na voz contou: “quando soube da minha doença me senti muito desamparado e tentei me jogar na frente de um carro em Recife, mas o carro parou sem bater em mim. Entrei em uma igreja aberta e rasguei o meu coração diante de Jesus Eucarístico e naquela noite sonhei com a Virgem Maria me pedindo para eu ir pedir a minha cura em Cimbres. Quando cheguei em Cimbres, percebi tanto amor de Deus em minha vida que apenas pedi pela minha cura espiritual e nesses anos tenho observado o quanto Deus trabalhou em mim, no meu coração!”

Raimundo não consegue conter as lágrimas e o questiona:

- Mas, por que você também não pediu a cura física, meu irmão? Deus teria lhe dado.

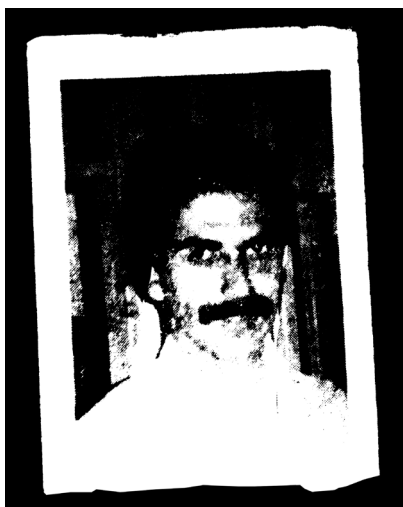
Diro, o olha com toda a ternura do seu coração e lhe pede:

- Meu irmão, me ajude a morrer!

Raimundo o olha e como um filme, revive em sua memória a infância dos dois, as brincadeiras, os cuidados que ele tinha de pentear o cabelo dos menores, fazer as atividades da escola, mas ajudar um irmão tão querido a morrer, isso ele nunca pensara em fazer. Ajoelha-se ao lado da cabeceira da cama do irmão e começa a rezar em silêncio. Depois, se levanta e diz: “sim, meu irmão! Conte comigo!”

Raimundo conversa com Ceça, logo mais as crianças voltariam da escola. Os pequenos tomam banho e almoçam normalmente, conversam com o pai e vão brincar na casa de uma vizinha. Era importante preservar os filhos daquele momento de dor. Os irmãos chegam um a um, e se juntam as orações que estavam sendo feitas no quarto de Diro. Aos poucos chegam os amigos mais próximos da família. Décio,

o irmão caçula estava trabalhando na cidade vizinha e sente uma vontade forte de ir visitar o irmão. Ao chegar lá, todos já estavam no quarto. Ele se abaixa ao lado de Diro que diz: “meu irmão, só falta você me entregar para Deus!” Décio, ouve essas palavras como uma faca sendo enfiada em seu coração. E reza com os seus: “Senhor Jesus Cristo assim como te entregastes nas mãos do Pai, eu também venho agora a ti me entregar. Entrego-te todo meu ser, corpo e alma, consagrando a ti, abandonando-me totalmente em tuas mãos e nada



quero em mim, reter. Tudo é teu: meu passado, presente, futuro; o que me destes, meus queridos, minha família. Confio a ti o nosso sustento espiritual e material, pois creio na tua providência divina. As minhas preocupações, o meu fardo, também eu deposito em ti. Agradeço-te por tudo e aceito tudo que assim me permitires passar, pois creio fortemente que tu me amas e confio incondicionalmente no teu amor por mim. Amém!”

Capítulo V

O homem de Fé

A saudade que não passa

O funeral de Valdiro Cordeiro dos Santos parou a cidade de São Bento do Una. Os sinos badalavam, os pássaros cantavam e todos acompanharam o cortejo louvando a Deus com as músicas que ele próprio havia escolhido para o momento e gravado. Pelas ruas, o sentimento era de saudade por ter conhecido uma pessoa tão humana, tão de Deus. Assim como as estrelas que todas as noites iluminam o céu, o testemunho de fidelidade a Deus de Diro acompanhará a vida de todos aqueles que ele conheceu e os que não tiveram este privilégio, mas de alguma maneira conheceram a sua história também, serão contagiados por tamanha confiança em Deus.

O amor que ele tanto viveu, o Amor Maior que ele tanto pregou, o exemplo de Fé que ele ensinou se eternizou em cada um e como uma semente precisa de tempo para germinar, crescer e produzir fruto. O amor semeado por Diro naquele povo, regado com a sua vida e o seu testemunho de Fé o torna inesquecível, impossível de esquecer e ao olhar para Cristo percebemos a saudade que não passa e o amor que permanece.

Raimundo Valdemir dos Santos sentia muito a falta do irmão. Relembrava diariamente as missões pelo interior no início da Renovação Carismática Católica na região e pensava que este havia sido um tempo bom, mas não queria continuar o trabalho missionário de evangelizar sem Diro. E assim os dias passam. A vida segue. Dona

Tereza já padecia dos males do alzheimer ora não recordava mais os rostos queridos e a tristeza batia na sua porta. A família a cuidava com todo amor, mas a perda de Diro e logo depois do filho Valdir só agravou o avanço da doença e com um pouco mais de tempo, ela também não resiste e falece.

A vida estava tirando da família Cordeiro dos Santos, os entes tão amados. No coração de Raimundo ficava o vazio que só durante a oração era preenchido. O amor da esposa e dos filhos ajudava-o a suportar a dor da saudade.

Em um dia que aparentemente parecia mais um dia como tantos outros, aconteceu um fato inusitado que mudaria completamente o futuro desta história. Um cliente chegara à farmácia e havia sido medicado com uma injeção pelo próprio Raimundo Valdemir, sendo que horas depois sentiu-se mal e ao ser socorrido foi internado gravemente no hospital e com risco de vida. Ao saber da notícia, ele ficou muito preocupado por se sentir o responsável por aquela situação e fez um voto a Deus naquela noite. Enquanto rezava, disse que se o homem sobrevivesse sem nenhuma sequela, ele se entregaria totalmente para a missão. E assim, aconteceu. Os médicos descobriram que a doença não tinha nenhuma ligação com a injeção tomada, aos poucos o homem foi se recuperando e recebeu alta sem nenhuma sequela. Raimundo decidiu fechar a farmácia e começou um novo tempo em sua vida!

A missão

O lar além de abrigar a família também reveste o espaço da primeira missão: a família. Em casa, Raimundo honrava o matrimônio com Gizoneide e cuidava dos seus, amando e respeitando a esposa e os filhos que o Senhor lhe confiou. Todos os dias, ao raiar dos primeiros

raios de sol, acompanhado pelos primeiros cantos dos pássaros antes de irem até a mesa para tomar o café da manhã, toda a família era reunida em cima da cama do casal e junto com a esposa todos rezavam juntos os salmos, ofício e terço. Assim como ele aprendera com a mãe Tereza, que por sua vez havia aprendido com o seu pai José, que foi ensinado pela mãe Quitéria. Do mesmo jeito, Raimundo também ensinava os seus a conversar com o Pai do Céu. E juntos, pediam pelo dia e na união familiar crescia o amor entre eles.

Ao terminar as orações, a família tomava café e cada um seguia com as suas obrigações: os filhos iam estudar e Raimundo continuava o trabalho como professor e depois diretor da Escola Cônego João Rodrigues e à noite nas quartas-feiras, na Capela Perpétuo Socorro ministrava oração de Cura e Libertação. Ao começar a viver o seu chamado missionário, os dons do Espírito Santo se multiplicaram cada vez mais.

O serviço no campo sempre fora executado com amor sem limites a terra, Raimundo gostava de ir para o trabalho pesado e duro na fazenda vestindo uma blusa de botão, calça jeans velha, chapéu de couro para proteger do sol e sapato para proteger os pés das pedras. Na solidão da fazenda, ele parava um pouco as atividades e ali sob o sol escaldante fazia a sua oração pessoal e conversava com Deus como falava com um grande amigo. Vez por outra era interrompido nos seus afazeres na fazenda com alguém pedindo que ele rezasse dizendo as causas em que precisavam de oração e Raimundo rezava a oração apostólica com a imposição das mãos que aprendera na Bíblia pedindo a Deus por aquele que estava ali diante dele. E assim que a pessoa recebia as respostas das orações, voltava para agradecer e trazia mais uma outra pessoa para também receber oração. E as pessoas necessitadas

vinham cada vez mais, apesar das dificuldades para chegar a uma estrada de areia e distante 13 quilômetros do centro de São Bento do Una. Depois de muitas orações, aconselhamentos com vários amigos sacerdotes, Raimundo Valdemir, no dia 11 de fevereiro de 2007, sob o sol quente do agreste pernambucano, amparado pela pequena sombra de uma mamona, Raimundo funda a comunidade Católica Chama de Amor, no sítio Una dos Simões, na zona rural, de São Bento do Uma, sob a Profecia de Isaías 60: “¹ Levanta-te, sê radiosa, eis a tua luz! A glória do Senhor se levanta sobre ti. ² Vê, a noite cobre a terra e a escuridão, os povos, mas sobre ti levanta-se o Senhor, e sua glória te ilumina. ³ As nações se encaminharão à tua luz, e os reis, ao brilho de tua aurora. ⁴ Levanta os olhos e olha à tua volta: todos se reúnem para vir a ti; teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são transportadas à garupa. ⁵ Essa visão tornar-te-á radiante; teu coração palpitará e se dilatará, porque para ti afluirão as riquezas do mar, e a ti virão os tesouros das nações. ⁶ Serás invadida por uma multidão de camelos, pelos dromedários de Madiã e de Efá; virão todos de Sabá, trazendo ouro e incenso, e publicando os louvores do Senhor. ⁷ Todo o gado menor de Cedar se reunirá junto a ti, os carneiros de Nabaiot ficarão à tua disposição; fá-los-ão subir sobre meu altar para minha satisfação, e para a honra de meu templo glorioso. ⁸ Quem é que voa assim como as nuvens, ou como as pombas volvendo ao pombal? ⁹ Sim, as frotas convergem para mim, e os navios de Társis abrem a marcha, para trazer de longe teus filhos, bem como sua prata e seu ouro, para honrar o nome do Senhor teu Deus, o Santo de Israel, que te cobriu de glória. ¹⁰ Estrangeiros reerguerão tuas muralhas, e seus reis te servirão, pois, se te castiguei na minha cólera, na minha bondade tenho piedade de ti. ¹¹ Tuas portas ficarão abertas permanentemente, nem de dia nem de noite serão fechadas, a fim de deixar afluir as riquezas das nações sob a custódia de seus reis. ¹² (Porque a nação ou o reino que recusa servir-

te perecerá, e sua terra será devastada). ¹³ A glória do Líbano virá a ti, e todos juntos, o cipreste, a faia e o buxo, para ornamentar meu lugar santo e honrar o lugar onde pousam meus pés. ¹⁴ Os próprios filhos de teus opressores a ti virão humilhados; a teus pés se prostrarão todos aqueles que te desprezavam; chamar-te-ão a cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel. ¹⁵ De abandonada e amaldiçoada, sem ninguém para te socorrer, farei de ti um objeto de admiração para sempre, um motivo de alegria para as gerações futuras. ¹⁶ Sugarás o leite das nações, e mamarás ao peito dos reis: saberás que eu, o Senhor, sou teu salvador, que teu redentor é o Poderoso de Jacó. ¹⁷ Em vez de bronze, farei vir ouro; em lugar de ferro, farei vir prata; (em vez de madeira, bronze; em vez de pedras, ferro), farei reinar sobre ti a paz, e governar a justiça. ¹⁸ Não se ouvirá mais falar de violência em tua terra, nem de devastações e de ruínas em teu território. Chamarás tuas muralhas Salvação, tuas portas, Glória. ¹⁹ Não terás mais necessidade de sol para te alumiar, nem de lua para te iluminar: permanentemente terás por luz o Senhor, e teu Deus por esplendor. ²⁰ Teu sol não mais se deitará, e tua lua não terá mais declínio, porque terás constantemente o Senhor por luz, e teus dias de luto estarão acabados. ²¹ Teu povo será um povo de justos que possuirá a terra para sempre; será uma planta cultivada pelo Senhor, obra de suas mãos destinadas à sua glória. ²² Do menor nascerá toda uma tribo, e do mínimo, uma nação poderosa, sou eu, o Senhor, que em tempo oportuno realizarei essas coisas”⁷.

Notas do capítulo:

⁷ **Bíblia Sagrada.** Editora Ave-Maria, 2005, p. 1021-1022.





